

TRÊS

DE

MIGUEL M. ABRAHÃO

(PEÇA EM UM ATO)

E-MAIL : miguelabrahao@globocom

REG. BIBLIOTECA NAC. Nº. 002395-2/5

CENÁRIO

A ação se passa em uma pequena sala. Vêem-se ao fundo três portas que se manterão sempre fechadas. Ao centro, dispostas formando um triângulo, três cadeiras.

PERSONAGENS:

DOUGLAS: rapaz de uns 25 anos

JERÔNIMO: rapaz de uns 27 anos

MÁRIO: rapaz de uns 30 anos

CENA I

(Acendem-se as luzes)

DOUGLAS:

Onde estou? É tudo tão irreal. Algo me aconteceu e não me lembro. Por favor... Alguém! Ajude-me! Resta-me... Nada! Não posso me lembrar. Por mais que eu tente, não consigo. Você ! Você pode me dizer? **(Pausa)** Por quê? Porque não responde? E você? O que há? Será que não me escutam? Responda, por favor! Eu preciso ouvir uma palavra!

JERÔNIMO

Calma, calma menino! Não há nada a dizer, não há uma palavra que se encaixe. Para que falar? Para que articular palavras vazias de significados? Ora, ora. Acalme-se! Tudo correrá bem. E só ter um pouco de paciência.

DOUGLAS :

Mas onde estamos? Que lugar é este?

JERÔNIMO:

Não sei ! DOUGLAS:

Porque aquelas portas estão trancadas? Porque não se abrem?

JERÔNIMO:

Quem lhe disse isso? É claro que elas podem ser abertas. É só uma questão de força. Tente!

DOUGLAS :

Não! Eu... Eu tenho medo! Tenho receio. Alguma coisa me diz que não devo. Não vou! **(Num Desabafo)** Não quero! Não quero!

JERONIMO:

Calma, rapaz! Ninguém, o esta obrigando! Se não quer, não precisa!

MÁRIO: **(que se mantinha calado ate então)**

As luzes estão acesas. Vejo isso! Posso ver! **(Sorri)** Oh, que maravilha é podermos enxergar! Os olhos são nossos faróis, nossos guias! Com eles, vivemos! Sim, podemos

viver. Eles são os germes da nossa efêmera existência! Através deles, podemos enxergar o mais profundo abismo das almas. Não sei se me entendem. Eu procuro falar-lhes numa linguagem tão simples! Mas, parece que me perco, que caio em chavões... Ah, a fala é um instrumento tão... tão obsoleto! Não sei se, agora, ela terá algum sentido.

JERÔNIMO:

Um dia tiveram!

MÁRIO:

Ah, um dia! Um dia bem longínquo, perdido na imensidão do tempo, tudo teve sentido. Mas há um espaço muito grande entre este dia e nós! É inatingível! É um pequeno grão de areia perdido num deserto!

DOUGLAS:

Sabe onde estamos?

MARIO:

Nada! Desde que cheguei, procurei descobrir. Pesquisei, interoguei e... nada!

DOUGLAS:

Oh, estou em vias de enlouquecer. Se ao menos eu pudesse recordar... lembrar o que houve comigo, talvez descobrisse o significado!

JERÔNIMO:

Você deve esperar! Aguarde um pouco. Tenha paciência!

DOUGLAS:

Paciência? Paciência? O que espera de mim? Eu sou um ser humano e como tal, frágil e impotente! Quanto tempo acha que posso agüentar? **(Pausa)** Que dia é hoje?

JERÔNIMO:

Não sei!

MÁRIO:

O dia de hoje é o dia de ontem mais um. Todos os dias são iguais. Eles não modificam. Só o relógio e o calendário se movem, mas o dia... Ah, o dia...! É inflexível! O amanhã, não existe, porque ele sempre será hoje.

JERÔNIMO:

Chavões...! Chavões... chavões...

DOUGLAS:

Que horas são, pelo menos?

JERÔNIMO:

Pra que? Para! Pensa um pouco! Que diabo é isso chamado tempo? Algo que não se pode ver, não se pode pegar mas que, infelizmente, se pode sentir. O tempo se esvai e, quando percebemos, nossas vidas se foram com ele! Uma pequena ampulheta a correr..."Tempo e dinheiro"! - como diz o velho ditado. E é por isso que, constantemente, olhamos para aquele objeto, inerte, pendurado na parede que, com seu "tic-tac" irritante e grotesco e todo o seu mecanismo gélido, nos mostra o tempo passar, nos faz condicionar nossas vidas a determinados horários, tornando-nos escravos dele e transformando-nos em eternas e constantes rotinas. Se o relógio é bom, não sei! Se a hora é boa, não sei! Se o tempo é bom, não sei! O que sei é que a cada "tic-tac" do objeto, nos envelhecemos juntos e cada minuto que passa não recuperamos jamais. Se ele me revolta, não sei! Se ele me alegra, não sei! O que sei é que, apesar de tudo, ele nos era útil, pois nos auxiliava em todas as atividades diárias. É, o senhor tempo... Eterno enigma! Quem no início da vida o conhece, ama-o. Quem, no fim da vida o conhece, odeia-o.

MÁRIO:

Para que se preocupar com as horas agora?

DOUGLAS:

Há quanto tempo estamos aqui? É isso que preciso saber! Quantas... Quantas horas?

JERÔNIMO:

Pare rapaz, não pense nisso agora! Há muita coisa para ser analisada, repensada. Esqueça as coisas supérfluas. Pense em você, na sua razão de ser. É isso que realmente interessa.

DOUGLAS

Mas nem ao menos sei quem sou. Tudo é tão obscuro. Procuo recordar, mas... nada !

Estou confuso... com medo!

JERÔNIMO:

Medo de quê? De você?

MÁRIO:

Onde estamos? Mexa-se, homem! Vá até as portas! Abra-as. Descubra onde estamos,

DOUGLAS:

Não ! **(Grita)** Ainda não...

MÁRIO : (a Jerônimo)

Então vá você !

JERÔNIMO:

Não! Prefiro evitar surpresa. Em toda minha vida, sempre detestei a curiosidade. Ela é um mal terrível. Ela nos conduz através de labirintos, pesquisando, questionando conseqüentemente a catástrofe como a de Hiroshima! Sempre a odiei e temi.

DOUGLAS:

Mas porque nós três? Porque essa reunião a três?

MÁRIO:

A essência da vida se divide em três partes : cabeça, tronco e membros.

JERÔNIMO: (Melancolicamente)

Que ironia: O céu, o universo e a terra!

MÁRIO:

Pai, filho e Espírito Santo! **(Sorri)**

DOUGLAS:

Mas quem são vocês? Eu os conheço? Já me conheciam?

JERÔNIMO:

Perguntas, perguntas... Sempre perguntas!

DOUGLAS:

Eu sou Douglas... Sim! É isso! Douglas Mariano, filho de José Mariano e Maria Gonçalves Mariano. Sim, sou eu mesmo ! **(Pausa)** Mas quem sou? São apenas nomes... Ê apenas um nome! O que sou, afinal ?

MÁRIO:

Eu sou Mário Mendes!

JERÔNIMO:

Eu sou Jerônimo Coriolano!

DOUGLAS:

Mário, Jerônimo e Douglas.

MÁRIO:

Cabeça, tronco e membros !

JERÔNIMO:

O universo, o céu e a terra!

DOUGLAS:

Mas, onde estamos? Porque estamos aqui?

MÁRIO:

Quem sou? O que sou? Onde estou? Para que sirvo? **(Sorri)** Perguntas sem respostas!
Respostas sem significados.

JERÔNIMO:

Eu me lembro! Mamãe sempre dizia: "Você e homem! E como representante dessa espécie deve portar-se como tal"! Estranho ! Porque me lembrar de mamãe agora? Tão longe, tão distante e... tão bela! Ah, como ela é bonita! Vocês nem imaginam! O tempo parou para ela. Mamãe é tão conservada, tão natural!...

MÁRIO:

Mãe! Minha filha está com a mãe dela! Ah, que saudades...! Que garotinha simpática. Menina perspicaz, muito desenvolvida para a sua idade...!

DOUGLAS:

Eu não posso me lembrar de nada! Por mais que eu tente, algo me bloqueia. Havia uma luz...! Uma luz intensa e forte que se voltava contra mim. Tentei fugir. Por mais que me escondesse, ela me perseguia, atroz. Tentei fugir mas ela, com suas horríveis presas, não parava de me seguir. Lembro-me de um martelo. Um grande e pesado martelo. Depois, só o negrume. Estou vazio! Completamente ressequido e despido de sentimentos. Não consigo ter uma só lembrança. Apenas uma sensação me domina: o medo! Um medo tolo e nem sei explicar por que! Talvez a luz... Sim, ela! Na luz está o significado. Mas, o quê? Qual seria a razão? Será Deus?

JERÔNIMO:

Deus? Porque haveria, então, de temê-lo tanto? Um ser tão bondoso...

DOUGLAS:

Mas, então...? O que é ?

JERÔNIMO:

Em você, só em vocês está a resposta que procura. Entre em seu interior e, sozinho, descobrirá.

DOUGLAS:

Quer dizer que... Deixam-me sozinho? **(Pausa)**

JERÔNIMO:

Ah, a solidão! Quanto tempo a tive como companheira. Fiel, ela me seguiu sempre. Onde quer que fosse, lá estava ela, plácida e inesgotável em sua sedentária vida. Desde os meus quinze anos de idade, quando a conheci. Jamais pude separar-me dela. Como uma alma gêmea, ela jamais traiu a minha confiança. Pertencço a esta dama de corpo e espírito.

MÁRIO:

Eu a conheci um dia. Quisera antes que nunca tivesse cruzado o meu caminho. Mas ela é tão cativante, tão irresistivelmente cativante que, como o canto das sereias homéricas, atrai qualquer mortal para as profundezas de um oceano.

DOUGLAS;

Acho que desde que nasci, eu a conheço. Por isso, não me incomodo agora. Ela sempre foi a amiga de todas as horas. Na infância, na adolescência, na maturidade...

JERÔNIMO:

Ah, então começa a se lembrar?

DOUGLAS:

Sim, pequenos fragmentos, nada mais ! Ah, porque não me lembro. Vi e não vivi.

Ah, porque estou tão travado?

JERÔNIMO:

Isso. Pergunte a si mesmo !

MÁRIO;

A chave do enigma está em você! Só em você estarão as respostas.

DOUGLAS:

Eu tento, persisto, mas não encontro nada! **(Pausa)** Espere! Um vulto... Estou vendo um vulto! Um rapaz... um menino? Não,é um rapaz mês... Não, não é apenas um ! São três! Mas quem são? Não consigo lhes ver o rosto.

JERÔNIMO:

Force! Force sua mente. Expurgue-se de tudo.

DOUGLAS:

Espere! Estou vendo. Tão enevoado... Um deles é Rico! Sim, é este o nome dele : Rico. Mas quem è esse garoto...? Ou rapaz? Quem é ? Meu... irmão?

MÁRIO:

Irmão? Eu tenho um. Não sei onde está agora. Talvez em algum outro lugar como nós. Naquele dia, estávamos juntos...

JERÔNIMO:

Eu também tenho um. Casado, pai de família. Enfim, um rosto desconhecido. Um homem só, como tantos outros!

DOUGLAS:

Meus irmãos... Os três são meus irmãos. Sim, é isso! Agora me recordo..."Por que eu, Rico? Por que só eu? Cuidado! A luz... A luz!" Oh, sumiram... Fantasmas perdidos na ilusão do momento... **(Pausa)** As portas... Preciso sair daqui! Lembro-me um pouco. É insuportável... insuportável! Eu estou sufocando. Que instrumento rude e caótico que sou. Eu... preciso sair? Sim, preciso! Preciso descobrir onde estou! Preciso saber se não sou um fantasma, um simples espectro. Não, eu sei quem sou! Eu me vou! **(Dirige-se a primeira porta)** Adeus! **(Vai abri-la, mas desiste)** Não, não posso! A luz... Ela deve estar à espreita, me tocando, me esperando, me devorando com sua luminosidade. Eu tenho medo! **(desespera-se)** Eu tenho muito medo! **(Desespera-se)** Eu tenho muito medo! Oh, me ajudem, por favor! O martelo... Não deixem! O martelo... pelo amor de Deus! **(Deita-se perto da porta)**

MÁRIO:

O medo, como a solidão, a antítese das horas. Ele se aproxima de nos e nos faz companhia, sem que seja necessário chamá-lo. Ele aparece, sem subterfúgios! Nunca nos abandona. Os materialistas... Para esses sim, o medo é irrisório!

JERÔNIMO:

Que sentimento inexplicável é o medo. Nos o sentimos e somos impotentes diante dele. Ele nos guia e nos força a situações que não conseguimos dominar. Mas, o que é o medo?

DOUGLAS:

Parem! Estamos loucos. Tudo isso é loucura. Que lugar infernal é este? Que lugar horrível é este que nos obriga a conviver conosco? Eu não agüento mais, preciso de ar! Preciso muito de ar! Estou sufocando!

JERÔNIMO:

Nos ainda nem começamos. Há muito por fazer. Há muito para dizer!

DOUGLAS:

Eu preciso respirar. Preciso de água. Minha garganta está seca. Não posso mais continuar.

MÁRIO:

Vai! É só você abrir uma das portas... O que é que te prende aqui?

DOUGLAS:

Eu não posso! Não posso... Não tenho forças para isso. Não tenho mais. Abra-as para mim.

Por favor, abra-as para mim...

MÁRIO:

Não, eu não poderia. Algo me impede. É uma força estranha e misteriosa que me obriga a, forçosamente, ficar aqui. Algo me diz que devo obedecê-la.

DOUGLAS (a Jerônimo):

Você! Por favor, você... abra-a para mim, por caridade!

JERONIMO:

Caridade? É grotesco! Caridade... Nunca precisei da caridade dos outros.

MÁRIO:

Tem certeza? Todos somos carentes. Carentes de afeto, de calor humano... Tem certeza de que não é carente?

JERONIMO:

Absoluta!

MÁRIO:

Plena certeza?

JERÔNIMO

Sim, é claro! Eu...O que está querendo fazer? Confundir-me?

MÁRIO:

Você tem medo de escuro?

JERÔNIMO:

Sim, é claro! Todos temos! O desconhecido nos apavora... E na penumbra, você nunca pode ver o que está a sua frente.

MÁRIO:

Quando você está em algum lugar escuro você se apóia em alguma coisa para andar?

JERÔNIMO:

É claro! Isso é muito natural...

MÁRIO:

Então, você É carente! **(Pausa)**

JERÔNIMO:

Sim, posso até ser carente e me odeio por isso! Mas não sou carente... Carente. É diferente! Preciso dos outros como um ser social, mas não preciso deles por caridade. Isso não me importa. Gosto de estar com pessoas que por sua vez estão comigo pelo que sou e não por dó, por piedade.

MÁRIO:

Ah, piedade...! Um sentimento que todos, os que estão vivos, sentem uns pelos outros!

DOUGLAS **(Desesperado, levando as mãos aos ouvidos):**

Parem! Parem de falar. Vocês me confundem, me atordoam!

MÁRIO:

Falar! A fala é a única maneira de provarmos para nos mesmos que, ainda, estamos vivos. Por isso fale, fale sempre sem parar e verá que o mundo se alarga diante de seus olhos.

JERONIMO:

Obsoleto! Instrumento caquético! Como tudo! Como a guerra. Quer algo mais animalesco do que isso? Eu já participei de muitas. Acho que, em toda a minha vida, eu lutei. Sou um guerreiro nato. Todos nos! Odeio isso... Odeio a tudo isso! Odeio a mim, por participar disto!

MÁRIO **(Aplaudindo com ironia)**

Que autopiedade ridícula! Bravos! Provou que é tão inseguro quanto ele.

DOUGLAS:

Eu não sou inseguro! Não me conheço, é certo, mas não sou inseguro! Sou um produto social.

MÁRIO:

Produto social é um sub-produto de um outro social! Vivemos numa realidade pré-determinada.

JERÔNIMO:

Será? Será mesmo que a realidade é pré-determinada?

MÁRIO:

É óbvio que sim. Perceba bem: numa sociedade centrada em relação recíproca de dominação, jamais poderá ocorrer o livre-arbítrio do pensamento. Não se pode imaginar uma sociedade que, por mais igualdade que ela proponha, não exista a relação dominante versus dominado. Socialmente o indivíduo pode aceitar a condição de igual, mas psicologicamente não. E esse psicológico é pré-determinado, condicionado por fatores sociais e inatos. Se o homem não dispõe mais do poder econômico, ele utilizará a força bruta para dominar os mais fracos. Ah, amigo... Não se pode mudar o mundo com palavras e com ideologias, pois estas são desprovidas de significados reais. São convencionadas e refletem, refratando o pensamento - também condicionado socialmente - de um determinado grupo social e não de um todo social. O próprio conceito do real é condicionado pela sociedade. Você crê no real porque a sociedade já estabeleceu e inculcou em sua cabeça as regras pré-estabelecidas, implicando numa falsidade completa e total de toda e qualquer ideologia ou pensamento inovador que possa, porventura, neste mundo de hoje surgir. A própria prática é irreal. Porque é que temos que fazer tudo desta maneira e não daquela? Tudo numa sociedade é irreal. São mecanismos de aniquilação do homem como ser humano. Mas uma forma de reduzi-lo a mera condição de máquina programada. Irredutível cão de fila. Diante deste panorama obscuro e imutável, todos somos infinitamente inseguros! Quanto a você, Douglas, você não é somente inseguro. Você vive com fantasmas... fantasmas que você mesmo cria. Fantasmas que te guiam e apontam o rumo de sua proa.

JERÔNIMO:

Você é tudo o que ele não é ?

DOUGLAS:

Ele? Ele quem?

JERÔNIMO:

Aquele que nos espreita atrás da porta.

DOUGLAS:

Mas quem é ele?

JERÔNIMO:

Não sei explicar! Sei quem é, mas não conseguiria, mesmo que tentasse, explicar!

MÁRIO:

Caminhamos em círculos, já perceberam? Nós três, juntos, formamos um círculo vicioso! Somos uma aranha: tecemos a teia e nos instalamos no centro. Ali ficamos a espreita... a espreita de nos mesmos!

JERÔNIMO:

Pare de filosofar. De que vale a filosofia agora? Será que ela liberta? Será que ela vai resolver o nosso problema real ?

MÁRIO:

A filosofia sempre foi à mola do mundo. A boneca de serragem... **(Sorri)** Ora, ora... Porque não filosofarmos neste momento?

JERÔNIMO:

Porque eu quero ser livre! Quero ser igual a ele lá fora, que nos espreita.

MÁRIO:

Igual ? Isso me lembra uma fábula: Há muitos anos os coelhos resolveram se igualar aos leões. Chegaram para os reis da selva e se dispuseram a falar sobre igualdade, sobre liberdade, sobre comunidade. Afinal, eles tinham esse direito. Os leões não podiam mandar e eles servirem de escravos. Não, isso não estava certo e precisariam mudar a situação. Terminado o discurso, o coelhinho orador perguntou a um dos leões se eles estavam dispostos a acatar isso e o que achavam. O leão indagado, respondeu: Vocês têm garras?

JERÔNIMO:

Ora, a filosofia é uma arma inventada pelos fortes para cercear os fracos. Não tem sentido algum aqui !

MÁRIO:

Ora, tudo aqui é desprovido de sentido! Neste mundo esclerosado, nada faz sentido. Veja: a moeda, o poder, a riqueza, são coisas desconexas que os homens, em sua ganância pretendem atingir. E para quê? O que fará ele com isso nesta transitoriedade terrena? O que

fará depois disso? O próprio sentido, meu amigo, não tem sentido. Por isso, filosofemos! O que, certamente, nos libertará...

JERÔNIMO: (Sarcástico)

Pretende você libertar o mundo com sua filosofia de Cordel ?

MÁRIO:

Não! Muitos filósofos de Cordel já tentaram isso e não conseguiram. Não se pode mudar algo quando se foi engendrado por esse próprio algo. Muda-se a aparência, mas em síntese, o interior, continua o mesmo.

JERÔNIMO:

Ora, isso é absurdo !

DOUGLAS:

Isso e loucura! Eu... Eu tenho medo de vocês! São como dois espectros perdidos na imensidão da eternidade. Quero que parem! Não me arrastem com vocês em seu caminho sombrio. Não me obriguem a me torturar por causa de vocês. Eu já sofro muito comigo para sofrer por vocês. Deixem-me em paz. Chega! Basta! Não quero mais ouvi-los. Suas palavras brotam como estiletes que golpeiam minhas entranhas e me fazem sofrer mais. Parem com esse jogo dialético. Deixem de falar! Será o possível que não conseguem conviver consigo mesmo? É tão difícil assim? Já tenho os meus problemas reais. Não quero sobrecarregar-me com abstrações.

MÁRIO:

Que covarde que é! Foge da luta; foge da verdade!

DOUGLAS:

Quanta presunção! Não se esqueça que, sem mim ou ele, não estaria aqui. Pensa que é o dono da verdade, é ?! Pois olhe, não sou um covarde. Entenda: sou apenas humano. Será que me entendem? Será que ainda não perderam o dom da razão e uma mescla de sentimento? Eu sou apenas um mortal com todas as suas fraquezas e anseios. Eu sou..

MÁRIO:

Quem é ?

DOUGLAS:

Oh, não sei! Tudo me foge como que se uma brisa cálida carregasse em seu manto o palpável; desaparece a individualidade. Oh, vocês me deixam confuso. Eu quero ir embora. Não posso mais ficar aqui.

MÁRIO:

As únicas saídas são pelas portas!

DOUGLAS:

Abra-as para mim... é Mário que você diz chamar-se?

MÁRIO:

Mário, Alfredo, João, Lukas, Moisés, o nome que preferir. É tudo um símbolo. Um pequeno rótulo que cheira a pólvora. Por isso, me rotule da maneira que mais lhe apraz.

DOUGLAS:

Por favor, abra uma das portas para mim...

MÁRIO:

Nem pensar! Se você é quem quer ir e não eu... **(Douglas hesita)**

JERÔNIMO:

O que houve, Douglas? Se nossa presença lhe traz asco, porque é que não vai?

MÁRIO:

Anda, rapaz ! Pelo menos uma vez na vida não seja covarde. Vai! Caminhe na direção de uma das portas, abra-a e saia. Enfrente a luz que tanto o apavora. Liberte-se de uma vez por todas deste maldadado martelo. Vai...

DOUGLAS:

Vocês são repulsivos. Que Caronte os conduza bem cedo e que atravessem o Aqueronte o mais rápido possível. Você me chama de covarde. Mas o que na verdade quer é que eu saia primeiro e enfrente primeiro. Uma vez conhecido, ele deixa de ser aterrador. Mais covardes são vocês. Parasitas! Eu tenho consciência do meu terror. Do medo que tenho de atravessar estas portas. Mas vocês dois não admitem que sentem o mesmo! Sim, tanto quanto eu, vocês estão sentido a luz do crepúsculo fazer brilhar o peito descoberto. Eu exponho o meu medo; não o faço passar pela peneira metafísica. Quanto a vocês, são simples espectros. Simples carcaças que um dia já foram seres humanos. Hoje são sonâmbulos e, como tal, não passam de um simples engano dos sentidos.

MÁRIO:

Todos os vivos não passam de um engano.

JERÔNIMO:

E os mortos, um teorema.

DOUGLAS:

Vocês cheiram mal. Por terem uma utilidade, uma influência, vocês, perigosamente, podem ter uma existência real.

MÁRIO:

O que quer dizer?

DOUGLAS:

Que vocês fazem parte de um pesadelo e eu estou no centro dele.

MÁRIO:

Então você crê que somos irreais? Frutos do quê? De uma mente insana, doentia? Não, meu amigo. Somos também carne para o a vermes. Somos homens como você que amam, que sofrem, que dormem, que tem medo, que comem, que bebem e que um dia, como você, apresentar-se-ão sob a forma de um espectro, lá, bem longe, na imensidão lendária do Cáucaso, vendo outros da espécie representarem os seus papéis. Nem eu, nem ele, somos frutos da imaginação. Aqui, nada é irreal! Tudo e palpável. Tudo bem comedido e calculado matematicamente. Se somos covardes? Somos! Afinal, somos mortais e nem Zeus, com toda sua potestade poderá nos designar outro papel. Somos fruto da peste, somos frutos do mal! Somos reminiscências do bem. Somos vinho e êxtase! Tragédia e miséria! Somos um conjunto de articulações que destilam veneno.

JERÔNIMO:

Minha vida tem sido um eterno caminhar. Caminhar sempre só, visto que não posso contar com ninguém a não ser comigo mesmo. Passo de mão em mão, de em lugar e, como num circuito fechado, volto sempre para o ponto de partida . Até quando posso suportar isso? Oh, eu não sei! Tenho por mim que a vida é como um rio: sempre desembocará no mar! Pode passar por leitos tortuosos, mais suas águas sempre terão um destino: o mar. É isso que me amedronta. É disso que tenho medo e, ao mesmo tempo, piedade. Sentimentos tão díspares... Posso lutar contra tudo, menos contra o destino.

DOUGLAS:

O destino é mera obra do acaso!

JERÔNIMO:

Não! Nada disso! Tudo está previsto como num romance. Tim-tim por tim-tim. Aquilo que tiver que ser será! E, contra isso, não podemos lutar e, infelizmente, não podemos fugir. Gostaria que fosse diferente mas, para isso teriam que reinventar tudo. Teríamos que começar do princípio dos tempos e, mesmo assim, já teríamos um fim pré-estabelecido. Não! O destino é imutável! É inalienável, inalterável... Não sei! Não se pode lutar contra ele. Sou uma planta embevecida pela aurora que morre junto com o ocaso. Sou, somos todos assim! **(Pausa)** Onde estará minha mãe, agora?!

MÁRIO:

Que estará fazendo minha filhinha?

DOUGLAS:

Oh, afortunados que são! Pelo menos têm alguma coisa para lembrar! Tem um objeto palpável em que pensar! Quanto a mim, sou um grande zero. Não tenho com o que sonhar... Não tenho como me abstrair... Sou Douglas Mariano! Só um nome! Só isso que sou. Ademais, a única coisa que sei é que estou impotente contra a luz e o tenebroso e arrebatador martelo. Fora isso, somente... Rico! Ainda não tenho certeza de quem seja. Temo que a idéia se espalhe em meu cérebro e me sufoque. Porque não lembrar de nada? Que estranha sensação e essa de se perder a memória? Seria como se lhe privassem da própria identidade e, conseqüentemente, a vida. Algum de vocês será capaz de dizer quantos anos tenho? Serei velho ou moço? Por favor, não me deixem sem resposta. Sejam francos.

MÁRIO:

Você não tem menos de mil e não terá mais anos que o infinito. Idade é tempo e tempo é humano!

DOUGLAS: **(A Jerônimo)**

Você! Quantos anos acha que eu tenho?

JERÔNIMO:

Não mais que vinte e cinco !

DOUGLAS:

Vinte e cinco? Só vinte e cinco? Estou, então, em plena juventude? Mas, se só tenho isso, o que estarei fazendo trancado neste lugar? Porque me puseram aqui?

MÁRIO: (Sorrindo cinicamente)

Puseram?

DOUGLAS:

De livre e espontâneas vontade não estaria neste inferno, vivendo uma existência inexistente. Não! Alguém me colocou aqui. Teria sido... **(Pequena pausa)** Rico?

MÁRIO:

Você está aqui por que quer. As portas a sua frente se abrem, sabia? É só caminhar na direção delas e, com um leve toque estará livre. Vá! Coragem! Caminhe!

DOUGLAS:

Não posso! Já lhes disse isso! Por mais que eu tente, que eu queira, não posso. A luz está lá, tenho certeza. E não quero ouvir novamente o terrível martelo. Não quero ser vítima, não quero ser testemunha daquele martelo: frio, aterrador, pesado ante a minha pequena fragilidade humana.

JERÔNIMO:

Além do mais, ele espreita...

DOUGLAS:

Quem é ele?

JERÔNIMO:

Alguém que nós não somos! **(Pausa)** Que horas são? Daria tudo para saber as horas. Parece que está escurecendo! Será que já é de noite?

MÁRIO:

Noite, dia, hora são reminiscências do tempo. E tempo é humano. Sendo humano, é falho. Sejam seis ou dezoito horas, que importância tem isso?

JERÔNIMO:

Tem razão ! Agora, não tem mais sentido...

MÁRIO:

Sentido? Estão vendo como estamos rodando em círculos? Voltamos ao ponto de partida.

DOUGLAS:

Por favor, fiquemos em silêncio um pouco. Quero colocar meu pensamento no devido lugar.

MÁRIO:

Façamos o que ele pede. Introspecção... Vamos, os três, juntos, colocar a casa em ordem.

JERÔNIMO:

O trio! Cabeça, corpo e membros; o céu, o universo e a terra; Pai, Filho e Espírito Santo. Tudo segue uma inevitável regência trina... Fechemo-nos como ostras. É o melhor que temos a fazer. **(Pausa. Douglas encolhe-se em um canto. Jerônimo anda apalermado e Mário permanece imóvel)**

MÁRIO:

É impossível ! Ficar sem dialogar é praticamente inverossímil. O ser que não se comunica é...

DOUGLAS: **(histérico)**

Pare!

JERÔNIMO:

Deixe-o falar! Ele precisa disso.

MÁRIO:

Somente com a palavra, apesar de tudo, podemos extrapolar nossos pensamentos. Talvez seja ela cheia de serragem, desprovida de sentido, como uma boneca de pano, mas isso é porque o homem-animal racional- também o é. Ah, minha mulher... Se ela tivesse entendido! Se ela soubesse... Mais, agora, é tarde. A tentativa foi válida, mas não houve tempo. Gostaria que fosse diferente. Ela nada entendeu. Não! Não era absolutamente um pequeno animalzinho reptílico. Não que Janda não fosse notoriamente amadurecida e culta para entender. Tinha todas as condições necessárias para se aperceber da situação, mas não conseguiu. Pobre Janda! O que estará fazendo agora? Será que ainda pensa em mim?

JERÔNIMO:

Gostaria de ir para algum lugar onde jamais houvesse gente rica e onde ninguém fosse reduzido à migalhas.

MÁRIO:

Absolutamente! Shangri-lá está longe de nossas mãos. Temos que viver no real!

DOUGLAS:

Mas que real ? Que real ? Tudo aqui é tão superficial e abstrato. Vocês são superficiais, eu sou e este lugar também não foge a regra. E estas portas? E estas portas? O que representam? Qual delas é a saída? Qual delas nos conduzirá ao palpável ? Não ! Nada aqui é real! Vivemos num fantástico mundinho sórdido e completamente enevoadado. Escuridão por todos os cantos. Tudo inconsistentemente embaçado. Nada é verossímil. Nada! Oh, como estou confuso.

MÁRIO:

Ah, então admite que está confuso?

DOUGLAS:

Eu não sei! Eu não sei! Fez um turbilhão neurótico em minha mente. Não sei dizer quem sou, fui ou serei.

MÁRIO:

Admite que está confuso?

DOUGLAS:

Sim, admito. Que mais quer que eu diga? Estou confuso sim, se isto lhe apraz. É assim que você quer que eu fique. É para esse caminho que está me conduzindo... está me coagindo! Não lutarei. Serei tudo o que quiser que eu seja.

MÁRIO: (**Sorrindo, penalizado**)

Você é um pobre garotinho indefeso, inseguro, desnorteado ante a impotência e a fragilidade de sua existência.

DOUGLAS:

Sim, sou! Sou tudo o que quiser, já disse! Só não suporto mais ouvir você dizer o que eu sou e o que pensa que eu sou. Gostaria de ter um pouco de paz! Tenho que colocar minhas idéias, meus valores em ordem.

JERÔNIMO:

É, todos somos exatamente iguais ao que pensam que somos. Não se pode fugir disso.

DOUGLAS:

Rico também era assim. Nessa nossa sociedade..,

MÁRIO:

Sociedade! Palavrinha vulgar e peçonhenta. Aparelho ridículo de frustrações... sisteminha inibitório que nos vigia, doutrina-nos e esmaga-nos. Não existe individualidade, não

existem sistemas que nos deixem uma mínima brecha para o total imperialismo do nosso livre-arbítrio.

JERÔNIMO:

É, por ela somos engendrados. Com ela aprendemos a acreditar em tudo que é falso junto a nossa natureza. Somos amancebados por um turbilhão de idéias as quais, apesar de resistirmos com todas as nossas forças, afirmarmos convictamente: Não! Não, não conseguimos vencê-las. Somos arrastados e não há nada, nem deuses, nem homens que possam nos impedir. **(Pausa)**

DOUGLAS:

Rico está lá. Os olhos parados... O que ele tencionava fazer? Não, Rico! Eu não posso mais! **(Grita)** Eu não posso mais! Bastardo!

MÁRIO **(segurando-o)**

Calma! Não adianta se desesperar. Não podemos lutar contra o cosmos. Não se pode lutar contra um triunvirato...

DOUGLAS:

As portas! Eu preciso sair. Estou sufocando ! Estou sufocando. **(Pausa)** Mas qual delas? Digam-me. Qual delas devo abrir? Qual é a que me conduzirá para fora? Este lugar é asfixiante. Eu preciso sair! Ajudem-me. Qual delas devo abrir?

JERÔNIMO:

Aquela que seu interior mandar !

DOUGLAS:

Mas todas são idênticas, de igual textura.

MÁRIO:

E somente uma conduzirá a saída!

DOUGLAS:

Sim, eu sei! Mas qual é ? Oh, meu Deus! Porque estou aqui? Porque me trouxeram para este lugar agonizante? Porque estão me torturando desta maneira?**(Pausa)** E aqueles homens de branco? Quem são eles? Porque insistiram em me trazer para este lugar? Isto é um hospício! É verdade... Só pode ser! Vocês dois são psicopatas e eles também acreditam que eu seja. Mas quem foi que lhes deu essa idéia? Oh, Rico!? Sim, só pode ter sido Rico! Oh, miserável, me internou em um manicômio para se livrar de mim. Oh, afastem-se ! Não

se aproximem de mim! A insanidade é contagiante . Não quero compactuar da loucura de vocês.

MÁRIO:

A maior loucura está na mente daquele que se crê são !

DOUGLAS (**Pondo-se a gritar furiosamente**)

Tirem-me daqui. Eu não sou doido! Por favor, tirem-me daqui! Eu não sou doido. Não acreditem em Rico. Ele precisa se livrar de mim. Sou um obstáculo na vida dele.

JERÔNIMO:

Você não precisa pedir a ninguém para sair daqui. Se quiser ir embora, vá em frente. Abra uma das portas, a que quiser, e saia. Isso não é um hospício. Somos tão psicopatas quanto você ou qualquer uma das pessoas que transitam lá fora.

MÁRIO:

Vá! Caminhe rumo a uma das portas, se é que pode!

DOUGLAS:

Pois é o que eu vou fazer. Eu vou é cair fora desse carrossel ! (**Caminha rumo a primeira porta e a abre. Olha receoso. Toma coragem. Volta-se para os dois como numa despedida e caminha em frente, fechando a porta**)

MÁRIO:

Eu não acredito! Ele realmente se foi! Ele saiu! Ele saiu! (**Ouve-se um grito**)

CENA DOIS

(Os três em cena. Douglas está abaixado sendo seguro de um lado por Mário e do outro por Jerônimo)

DOUGLAS:

E horrível! É horrível. Antropóides lancinantes... Hominídas... uma selva antropofágica. Aranhas que desfiam suas teias... É horrível!

MÁRIO:

Você escolheu a porta errada. Agora só restam duas. Uma delas conduzirá ao caminho certo. Ao centro do infinito...

JERÔNIMO:

Não! Não existe forma lógica ou possível de sairmos daqui. A única maneira, talvez, é procurarmos a chave da liberdade dentro de nos mesmos. Caso contrário, todos os caminhos nos conduzirão ao mesmo caminho. É uma roda viva.

DOUGLAS:

Um carrossel nefasto e degradante. Um circo de horror. **(Pausa)** Rico estava no carrossel. Divertia-se muito montando garbosamente no seu cavalinho de pau. Quase não falava. Apenas ria... Ria muito! Havia alguém ao seu lado. Sim! Um garotinho maroto. Brincava com o destino. Sorria para ele como se zombasse de sua potestade. Era tão angelical. Vejam como se divertia. Mas o cavalo que o sustentava já era velho. Um carcomido cavalinho de pau. E o carrossel girava e girava. As luzes o iluminavam muito. Eu via Rico, via o garotinho e via Riquinho e via o garoto e via o garotinho e via Rico e, de repente eles se fundiram em um só. Não se sabia mais se Rico era o garotinho ou se o garoto era Riquinho. E o carrossel girava, cada vez mais forte. E podia se ouvir uma risada uníssona e já não se podia distinguir um do outro. Pobre criança. Quatro anos, apenas. Cuidado! A serpente... A víbora bíblica... Oh! **(Pausa)** Que lugar horrível. Pterodátiles voavam ao meu redor como se farejassem carniça. Não abram mais aquela porta. Mantenham-na fechada. Não deixem

que me peguem. Por favor, não deixem que me peguem. Eu sou jovem ainda. Garoto! Cuidado! A cobra... Ali, cuidado! Guri! **(Grita)**

MÁRIO:

Vamos, vamos ! Você precisa descansar. Durma um pouco, quando acordar verá como tudo é diferente. O sono clareia as idéias. Vamos, procure dormir. Descanse! Nós estaremos ao seu lado. Não o abandonaremos. Fique tranqüilo ! Sossegue. **(Douglas deita-se e fecha os olhos)**

JERÔNIMO:

Pobre rapaz! Está confuso.

MÁRIO:

Ele não é diferente de nós. O desperdício senil do tempo que nos resta antes do derradeiro final, conduz tudo a anarquia e ao caos social.

JERÔNIMO:

Mas do que e que você está falando? Frases feitas, sempre chavões... Ficou demente?

MÁRIO:

Não, demente não! Só que...

JERÔNIMO:

O quê?

MÁRIO:

Creio que estamos todos confusos. Não há subterfúgios! Estamos resignados a nos mesmos.

JERÔNIMO:

Pobre rapaz... Parece um anjo!

MÁRIO:

Isso! Durma, anjo. Fuja para o mundo dos sonhos. Não há melhor lugar para nos escondermos. Tão seguro... **(a Jerônimo)** Porque você não faz o mesmo?

JERÔNIMO:

Fazer o mesmo? Eu? Não! Gosto de encarar tudo de frente. Não quero que nada me atinja sem que esteja preparado. E gosto de enfrentar serenamente as situações. Mamãe sempre dizia que a serenidade é uma virtude em qualquer ser humano. Mamãe... Sua potestade em pessoa. Você precisa conhecê-la. Tão majestosa, tão sublime... e tão superficial."- Devemos encarar tudo com serenidade. A serenidade é uma virtude impotencial no homem. Nenhum

temor, nenhum receio, o rosto lívido, sereno. Toda e qualquer situação é mais uma prova de coragem para nós... **(Ri-se)** Coragem? Gostaria de vê-la nesta situação! Coragem... Bah" - A coragem é elemento indispensável no homem. Um homem de coragem é um homem de valor e conseqüentemente nobre..." Um homem de coragem é um idiota!"- Bravura, dever, destemor! É assim que deve ser um...! "Idiota!.

MÁRIO:

Meu irmão morreu na guerra. Foi condecorado pós-morte, como herói e foi enterrado em solo sagrado. Era destemido, garboso... enfim, um cavalheiro. E morreu como herói, aos vinte e dois anos de idade.

JERÔNIMO:

E morreu como um idiota aos vinte e dois anos de idade. Morreu como um idiota para não salvar outros idiotas. Como é alarmante a condição humana! Alguns políticos caquéticos fazem uma guerra e um bando de imbecis morrem para salvá-los. Quão ridícula é a guerra! Insubstancial, sem qualquer compatibilidade com o real. Fruto do lado animalesco do homem!

MÁRIO:

Guerra é divertimento de macho!

JERÔNIMO:

Divertimento de idiota, isso é que é! Se nos encontramos nestas condições mesquinhas foi por causa de alguns arrogantes macacos que manipulam o poder. Eles inventam a guerra e nos vamos para o campo de batalha. Porque não vão eles que são os pivôs de tudo? E, de chofre, que levassem consigo os cientistas loucos que brincam com átomos, mas não inventam nada que ajudasse a preservar a espécie humana e a melhorar a vida comunitária. Depois da 2ª Guerra, não nos restou nada, nem mesmo esperança,

MÁRIO:

Esperança? Não foi a Guerra que acabou com ela. Não existe esperança para o mundo. Nunca existiu! Desde que o Australopytecus apareceu e conheceu o domínio do fogo, ele, por suas próprias mãos, queimou a esperança de um mundo livre.

JERÔNIMO:

Como divagamos sobre tudo! Como tornamos tudo cada vez mais abstrato, mais vazio de significados. Não, não é possível que tenhamos nos tornado tão ociosos. Eu não entendo o que

você diz. Apesar de falarmos a mesma linguagem, absolutamente eu não entendo o que você diz. Eu... eu quero é sair daqui. Sim, eu já não consigo mais permanecer. Eu me vou! Mas, por que porta? Pela primeira? Não, por essa não! Serenidade, Jerônimo, serenidade!"- A serenidade é a única virtude do ser humano..." Calma, escolha sem pressa. Guie-se pelo sentimento. Não se afobe! Você vai acertar. Desta vez vai! Ele não estará lhe espreitando por trás desta porta. **(Abre a 2ª porta)** Adeus! **(Antes de sair demora-se por um tempo a observar Douglas e Mário, fim seguida, a atravessa)**

DOUGLAS: **(levantando-se)**

Espere!

MÁRIO:

Deixe-o ir, ele já cumpriu o seu papel! Ele quer voltar... Precisa voltar. Deixe-o. Não se afobe!

DOUGLAS:

Não posso, não podemos... Ele está louco! Ele esta louco!

MÁRIO:

Não, ele está "sereno"! Deixe-o colher os frutos de sua serenidade. Não se preocupe.

DOUGLAS:

Não me preocupar? Rico sempre me dizia: "Só se preocupe, daremos um jeito"! **(Pausa)**

Não, não era Rico quem me dizia... Ele não podia! E o martelo? E a luz...? Oh, ele não pode ir. Monstros horríveis o destruirão. Eu vi! Eu presenciei! Não o deixe ir. Venha, vamos buscá-lo. Por favor, venha comigo buscá-lo! De outra forma, ele vai morrer.

MÁRIO:

Morte e sinônimo de vida e vida é sinônimo de morte! Não se incomode, Douglas, tenho plena confiança de que ele vai voltar. Ele não pode ir sem...

DOUGLAS:

Nós? **(Pausa)** Rico! Rico não voltou aquele dia! Fiquei esperando por ele quase a noite inteira e ele não apareceu. Saiu para caçar e nunca mais voltou. No mês seguinte... Seria mês ou dia? - veio a resposta: "- Rico havia sido a caça". Oh, eu não quero mais me lembrar! Pare! Pare! **(Pausa)** Corri como um louco atrás dele. Lá estava, feliz, no seu cavalinho de pau! Ria-se. Como ria! Estava feliz. Era tão envolvente, tão contagiante... Mas

o cavalo era de madeira! Lustroso por fora e oco por dentro. Inofensivo por fora, mas mortífero por dentro. E Rico era incauto. Também, para a sua idade, não se podia esperar mais. Cáustica noite aquela. O carrossel girava, girava... Bárbara, ao meu lado, ria aos borbotões. Oh! **(Titubeia um pouco)** Agora eu sei! Eu me lembro exatamente. Mas, eu não quero... Eu não posso! O carrossel girava e girava e o cavalinho se punha a trotar. Rico era um verdadeiro "Dandy" sobre ele. O carrossel girava e girava e Bárbara ria. João e André se aproximaram de nós e, como Bárbara, riam a valer. Era uma noite linda de verão. Pessoas e mais pessoas, rostos sem nome, numa multidão de fantasmas, transitavam e conversavam. Lá, no fundo do abismo, suas vozes saíam como que das galerias do chão. **(Pausa)** Cantochão! Suas vozes soavam como um cantochão! E Rico ria-se, feliz como um pássaro liberto. E Bárbara participava de sua felicidade. Mas, de repente, três crianças se aproximaram do cavalinho. E Rico, garboso, montava o seu. E, de repente, alguma coisa saiu! Saiu esguia, altaneira e com um guizo... Meu filho ! Não, não, não... **(Pausa)** Não ! **(Grita)** A luz está... Eu não quero a luz! Lutem, não deixem... Peguem o martelo! Quebrem... O martelo! **(Chora desesperado e vira-se contra a parede, imóvel)**

MÁRIO:

Tenha calma. Procure se controlar ! Desespero não leva a nada!

(Jerônimo retorna)

JERÔNIMO: **(Fechando a porta)**

Caminho errado! Ele estava lá. Escolhi o caminho errado. É, eu sempre fui um errado. Papai sempre dizia:-"Você nunca encontrará a paz! Você não é capaz de usar da razão. Temos que ser racionais. Os sentimentalóides são os instrumentos dos fortes, os bobos do mundo"! É, ele tem razão. Todos os caminhos que trilham se unem em um único caminho e, no final deste, ele sempre estará lá. E eu sempre irei para o lugar errado. Não posso sair! Ainda não... Falhei, como sempre! Mas, sejamos serenos. Não podemos perder a serenidade! Eu perdi a visão num processo catastrófico de cura e, com isso, perdi a dimensão da vida, da fantasia e do mundo. Não posso mais continuar... "Ao fim de cada sete anos farás remissão. Todo credor que emprestou ao seu próximo alguma coisa reemitirá o que havia emprestado"! Sou um fracassado. Sempre fui! **(Pausa)** Serenidade, por favor, Jerônimo! Serenidade! **(Pausa)** Tem algum objeto cortante com você?

MÁRIO:

Tenho um canivete!

JERÔNIMO:

Empreste-me! **(Mário lhe passa o pequeno canivete)**

JERÔNIMO:

"Deixa voltar o teu servo, e morrerei na minha cidade e serei sepultado, junto de meu pai e de minha mãe!" Ah, não há mais tempo para isso! Sereno, Jerônimo, pelo menos uma vez na vida."-A serenidade é uma virtude"! Não há mais nada que eu possa fazer! Só existe algo que irá me redimir! Algo que me ajudará a suportar o peso da minha impotência.

(Arregaça a manga, abre o canivete e o encosta-o ao pulso)

MÁRIO:

Covarde. O que vai fazer? Suicidar? Covarde! É, você tem toda razão. Sempre escolheu o caminho errado e, agora, vai tornar a trilhá-lo. Enfrente! Não fuja da maneira mais sórdida e mesquinha que existe. Defenda-se! Cristo! Pela primeira vez na vida procure pegar o bonde certo que conduzirá seu leme na direção correta.

JERÔNIMO:

Este é o único caminho! "Porventura não tendes interrogado os que viajam e não considerastes as suas declarações que os maus são poupados no dia da calamidade, que são socorridos no dia do furor" ? Não! Eu não quero ser poupado! Não posso mais... Não tenho condições de suportar!

MÁRIO:

Você é mesmo um fraco e no mundo não há lugar para pessoas da sua espécie. Anda com isso! Meta o canivete no pulso e deixe o sangue, rubro, correr por seu braço até que não sobre uma, gota em seu corpo. Enterre-se numa poça. Vamos! Anda logo com isso! **(Jerônimo tenta cortar-se. Hesita um pouco)** Eu... **(Deixa o canivete cair)** Eu não posso! Eu não posso ! **(Chora)** Sou mesmo um sentimentalóide vulgar e covarde.

MÁRIO:

É mesmo um derrotado!

JERÔNIMO:

Somos todos derrotados! Você é um derrotado. Não enfrentou a vida de frente. Prova disso é que sua mulher e sua filha... Somos fantasmas encarnados e nossas vidas são simples aventuras prodigiosas!

MÁRIO:

Eu não sou um derrotado ! Sou um privilegiado! Janda não foi para mim uma derrota. Se ela partiu, não foi minha culpa, eu juro. Ela partiu porque não lhe deram uma única chance.

Eu juro...

JERÔNIMO:

Você não lhe deu chance!

MÁRIO:

Não, eu lhe dei. Mostrei-lhe o caminho certo...

JERÔNIMO:

O SEU caminho certo, não o dela...

MÁRIO:

A culpa é dela! Caiu em ruínas... Trilhou o caminho do erro e, imbecil, levou meu bebê junto. Levou-a consigo naquele carrossel. Eu não queria que fosse, mais de nada adiantou implorar.

JERÔNIMO:

Eu sei! O carrossel estava lá. Eu também... Lembra-se? Você sempre forçou Janda... ou seria Bárbara? Como queira... Você sempre a forçou a situações racionais. Ela havia se casado com um homem e não com um cérebro. Ela havia se casado com um ser humano como eu, com derrotas e fracassos, com receios e certezas. Ela queria vida e você lhe dava cérebro. Sempre foi contra o sentimentalismo, o romantismo e ela era tão emotiva... Queria tudo e não queria nada. Apenas você, como você é, despido de máscara. E você, egoísta, não pode lhe dar isso. Eu lhe dei isso, ou pelo menos, parte de mim. Mas você, com sua rispidez a levou para a ruína e a forçou levar consigo sua filha... Eu tenho certeza de que era um menino! Não importa. Você a forçou. E ela levou a criança naquele carrossel! Além disso e seu filho ou filha...? Era rico em que...? Vivía no desamor. Numa vida sem vida. A serpente do Éden o pegou e eu fui o único a chorar. E você, o que fez? Nada! - "Tudo É normal. A passagem é natural como uma flor do campo". Idiota! Eu chorei, você se

conformou e ele (**Aponta Douglas**) agiu por impulso. Mas meu choro, a sua frieza e as atitudes impulsivas e não premeditadas dele, não nos levaram a nada. Não nos trouxeram alguém de volta. Janda foi embora por sua causa, por minha e por causa dele. Não pudemos vencer o destino. Como vê, somos todos uns derrotados! Derrotados...

MÁRIO:

Não, eu não sou! Sórdidas mentiras de um bobo sentimental. Você e ele são derrotados, mas eu não. Fui poupado. Só a mim concederam o direito de sair daqui. A terceira porta é a correta! Vocês falharam, mas eu não. Vou rever minha filha. Ela estará me esperando de "braços abertos e dirá:"- O senhor é o maior pai do mundo “! E ela tem razão. Vou conseguir sair sem a ajuda de vocês. Ficarão mofando aqui por toda a eternidade.

JERÔNIMO:

Será mesmo que conseguirá sair daqui sem nós? Será, Mário? Lembre-se, você sempre nos sufocou! Não concedia quase algum direito para mim e para ele. Não creio que sejamos complacentes, agora. Você não sairá sem nós e nós não iremos, sair!

MÁRIO:

Não, eu sobreviverei, Não preciso de vocês. Nem os conheço ! Voltarei para minha filha e mulher sem a ajuda de vocês. Para mim, o jogo acabou. Vou rever minha filha e sossegarei.

JERÔNIMO: (**Sem se voltar**)

Edificava-se a casa com pedras já preparadas na pedreira, de maneira que nem o martelo, nem o machado, nem instrumento algum de ferro se ouviu na casa quando a edificavam! E ele tentou sair. O andar tentou sobreviver por si próprio. Mas, desmoronou! Os três estão intimamente coligados e somente o triunvirato reinará.

MÁRIO:

Vou rever minha mulher também. É claro que ela terá outros afazeres. Mas o que me importa isso? Estou livre. Sei o que sou! Conheço-me! Sairei pela terceira porta. Vocês me mostraram o caminho e deram-me a graça de sair. E eu vou. Quero a liberdade!

JERONIMO:

E mais uma vez o poeta sonhou o sonho dourado da liberdade...

MÁRIO:

Adeus! **(Dirige-se à terceira porta e a abre. Tenta dar um passo, mas percebe que não pode se mover)**

JERÔNIMO:

O que houve? Porque ainda não saiu? Vá! Vamos! Caminhe livremente, seu hipócrita!

MÁRIO: **(atemorizado)**

Não posso! Minhas pernas estão imóveis. Meu corpo quer ficar. Nenhuma junta articula. Eu... eu não me entendo. Ordeno-lhe que se mova e parece que meu corpo está surdo ao meu comando. Movam-se! Caminhe ! Em frente! **(Tenta se movimentar e não consegue)**

Oh, não saem do lugar! Não posso me mover. Meu Deus! Não tenho mais controle sobre meu corpo. Não posso mais andar. Petrifiquei! Meu Deus! Socorro! Petrifiquei-me!

JERÔNIMO:

Volte-se para trás! Vire-se para mim! Tente caminhar em minha direção! Você não pode vencer o corpo e os membros. Vire-se! Tente! Vamos, idiota. Mova-se! **(Mário se volta e caminha em direção a Jerônimo)**

MÁRIO:

Não é possível! **(Olha para as portas)** Três portas em nossa frente e não podemos sair por nenhuma delas. **(Pausa)** Quem sabe se conseguíssemos reunir as três numa só...?

JERÔNIMO:

É tarde! O eterno triunvirato...

MÁRIO:

Cabeça, corpo e membros...

JERÔNIMO:

O céu, o universo e a terra! **(Riem-se. Longa pausa)**

DOUGLAS: **(que durante todo este tempo permanecera de costas para eles, volta-se subitamente)**

Onde estou? É tudo tão irreal. Algo me aconteceu e... E não me lembro. Por favor... Alguém!... Ajude-me! Resta-me... Nada! Não posso me lembrar. Por mais que eu tente, não consigo. Você! Você pode me dizer? **(Pausa)** Por quê? Porque não responde? E você? O que há? Será que não me escutam? Respondam, por favor! Eu preciso ouvir umas palavras...

JERÔNIMO:

Calma, calma menino. Não há nada a dizer. Não há uma palavra que se encaixe. Para que falar? Para que articular palavras vazias de significados?

FIM